

Manifestações de violência(s) no romance *Não verás país nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão

Manifestations of violence in Ignácio de Loyola Brandão novel *Não verás país nenhum*

Marisa Corrêa Silva*

UEM

Estela Pereira dos Santos**

UEM

Resumo: O romance *Não verás país nenhum* (1981), de Ignácio de Loyola Brandão, é impressionantemente atual e trata de um cotidiano cruel discursivamente incorporado à “normalidade”. O narrador-personagem conta aquilo que poderá vir a ser o nosso país em pleno caos que o próprio ser humano criou com o passar do tempo: escassez de alimentos e água; proibição de livre circulação da população; opressão; autoritarismo; falsificação da história; o desastre ecológico ameaçando a sobrevivência; a violência direta e indiretamente exercida. Este estudo focou nessas manifestações de violência que se fazem presentes ao longo de todo o romance. As definições de violência utilizadas são aquelas postuladas pelo filósofo e psicanalista esloveno Slavoj Žižek em suas obras *Violência: seis reflexões laterais* (2014) e *Vivendo no fim dos tempos* (2012); nelas, ele pontua que a violência se manifesta de três formas: a simbólica, a subjetiva e a objetiva, sendo todas elas presentes na obra literária em questão. Portanto, este estudo verificou como e por quais motivos tais violência(s) se manifestam no romance, que se passa especificamente na cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Não verás país nenhum. Violência subjetiva. Violência objetiva. Violência simbólica. Slavoj Žižek.

Abstract: Ignácio de Loyola Brandão, famous novel *Não verás país nenhum* (1981) is amazingly fresh even today and bring us a cruel world shaped as “normalcy” by the means of discourse. The narrator reports what could be a Brazil plunged into a chaos created by its own inhabitants: food and water shortage; freedom of movement prohibits; oppression; authoritarianism; falsification of history; ecological disaster threatening people’s survival; direct and indirectly exerted violence. This study focused on the manifestations of violence that are present throughout the novel. Violence definitions in this work are those postulated by the slovenian philosopher and psychoanalyst Slavoj Žižek in *Violência: seis reflexões laterais* (2014) and *Vivendo no fim dos tempos* (2012); in them, he points out that violence is manifested in three ways: the symbolic, the subjective and the objective, all of them being depicted in the novel which is the object of this study. Therefore, its aim is to examine how and for what reasons such violences are manifested in the novel, which takes place specifically in the city of São Paulo.

Keywords: Não verás país nenhum. Subjective violence. Objective violence. Symbolic violence. Slavoj Žižek

* Professora associada do DTL - UEM.

Autora de “Partes de África: cartografia de uma Identidade Cultural Portuguesa”

e de “O Percurso do Outro ao mesmo: sagrado e profano em Saramago e em Helder Macedo”.

Trabalha com a aplicação do pensamento de Slavoj Žižek e de Alain Badiou na Literatura mcsilva5@uem.br

** Mestranda em Estudos Literários (PLE-UEM) psantosestela@gmail.com

Este artigo tem por objetivo o estudo das manifestações de violência no romance *Não verás país nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão. Este romance foi lançado em 1981 e, segundo o próprio autor, é um livro “sobre o que poderá vir a ser”. Sua temática é surpreendentemente atual, pois narra uma catástrofe ecológica que destrói o país – do qual a cidade na qual se passa, identificada com São Paulo, é a um só tempo microcosmo e último reduto – causada pela corrupção e pela má gestão de meios resultantes de uma ditadura bastante violenta. Seu tom pessimista e apocalíptico é cuidadosamente construído através de, principalmente, escolhas vocabulares, como já demonstrou Salles (2009).

De acordo com o crítico Malcolm Silverman, em seu livro *Protesto e o novo romance brasileiro* (2000), *Não verás país nenhum* é um romance da sátira política surrealista. Esta modalidade de romance “concentra-se nas anomalias políticas” e “procura criticar hiperbolicamente o ultraje da sobrevivência do dia presente, consequência dos excessos da ditadura e resultante da inépcia do governo” (SILVERMAN, 2000, p. 343). Preocupa-se em narrar os diversos problemas sociais, através da utilização de espaços e personagens totalmente imaginários e até mesmo grotescos. Nela, o humor é abundante e se sobrepõe à seriedade exigida pela temática do romance.

Silverman declara, ainda, que o romance *Não verás país nenhum* é uma combinação entre o absurdo e o irreal e que parodia o Brasil, por meio da janela de São Paulo, dos “Abertos 80”. A crítica e a sátira começam já no título da obra, o qual tem um verbo no tempo futuro e o sentido de uma profecia. Para ele, tanto no sentido ecológico quanto no sentido político o romance é uma loucura paródica da degradação da ordem estabelecida no país, do abuso da devastação e desmatamento brasileiro, do controle da mídia e dos projetos arquitetônicos ufanistas faraônicos inúteis.

Observemos que o título é um recorte irônico dos versos de Olavo Bilac: “Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste! / Criança! Não verás nenhum país como este!” (BILAC, 1949, p.17) que abrem o poema “À Pátria”. O movimento paródico, portanto, deveria carregar de humor, ainda que um humor doloroso, o texto. Em nossa leitura, porém, o que fica mais evidente é o tom pessimista do romance, narrado por um protagonista cuja construção impede a total identificação do leitor. Souza não é justo, valente ou simpático; não é sequer muito coerente. Ao seguirmos as palavras desse narrador autodiegético, percebemos que quase todos os acontecimentos narrados são permeados por alguma forma de violência, cuja temática é o nosso foco de estudo.

As formas de violência que usaremos para este estudo são propostas pelo filósofo e psicanalista Slavoj Žižek. Em sua obra *Violência: seis reflexões laterais*, recentemente lançada no Brasil, o teórico contemporâneo delinea os aspectos subjetivos, objetivos e simbólicos da violência vigentes na sociedade, bem como sua expressão visível e também a invisível,

tratando desde a liberalização da sexualidade e o comunitarismo, passando pela política do medo e o terrorismo fundamentalista, até desembocar na violência divina, na qual inclui o ateísmo.

No romance de Brandão, o narrador autodiegético, Souza, conta o que é São Paulo, em um tempo que sugere um futuro próximo ao contexto de publicação do texto. Trata-se de uma cidade tomada pela poluição, após a morte dos rios, das plantas, dos animais e na qual as pessoas fazem de tudo para sobreviver. Não só São Paulo, mas também o país é tomado pelo chamado Esquema, uma espécie de força ditatorial muito semelhante àquela de 64. Há fichas para água, a que poucos têm acesso; fichas de circulação, pois não se pode mais circular por todo canto, cada um só pode pegar um ônibus predeterminado; carros não são mais usados; as comidas são todas feitas em laboratório; há, inclusive, um museu de água de rios. A história, nos livros, é sempre reescrita, de acordo com as ordens e critérios do Esquema, com ecos orwellianos. Após experiências em laboratórios e explosões nucleares, pessoas se tornaram doentes; as mulheres são estéreis, as crianças quase não existem mais. De todo lado surgem pessoas estranhas, fugindo do forte sol que aniquila qualquer vida. Muitas têm uma aparência assustadora: há os carecas que estão descascando; pessoas que perdem as unhas; sujeitos sofrem de ossos amolecidos; há os que ficaram cegos, ou que os olhos saltaram e ficaram despencados; há os sem destes; os sem nariz; e aqueles com furos nas mãos. Há um medo generalizado, entre o que se pode considerar “classe média” de invasões e de assassinatos por parte desses miseráveis. Pobres, menos favorecidos, são transferidos para os chamados Acampamentos Paupérrimos, onde vivem em condições desumanas. O livro é sobre a luta pela sobrevivência cada vez mais impossível em meio ao caos que os próprios humanos criaram.

As formas de violência existentes, de acordo com Slavoj Žižek

Quando o assunto é violência, o que vem imediatamente em nossa cabeça é a violência que remete aos “atos de crime e terror, confrontos civis, conflitos internacionais” (ŽIŽEK, 2014, p. 17). No entanto, segundo Slavoj Žižek, filósofo, psicanalista e teórico contemporâneo, há três formas de violência, são elas: a simbólica, a subjetiva e a objetiva.

No que diz respeito à violência simbólica, Slavoj Žižek afirma que ela está “encarnada na linguagem e suas formas.” (ŽIŽEK, 2014, p. 17) e que:

[...] não está em ação apenas nos casos evidentes — e largamente estudados — de provocação e de relações de dominação social que nossas formas de discurso habituais reproduzem: há uma forma ainda mais fundamental de violência que pertence à linguagem enquanto tal, à imposição de um certo universo de sentido. (ŽIŽEK, 2014, p.17)

Ainda sobre essa violência da linguagem/discurso, Žižek aponta que, certas vezes: “em vez de exercermos uma violência direta uns nos outros, procuramos debater, trocar palavras, e esta troca de palavras, mesmo quando agressiva, pressupõe um mínimo de reconhecimento da outra parte” (ŽIŽEK, 2014, p. 59). No entanto, “é a linguagem [...] o primeiro e maior fator de divisão entre nós, é devido à linguagem que nós e os nossos próximos podemos viver “em mundos diferentes” mesmo quando moramos na mesma rua” (ŽIŽEK, 2014, p. 63). E o que isto significa? De acordo com o filósofo, isto significa “que a violência verbal não é uma distorção secundária, mas o último recurso de toda a violência especificamente humana” (ŽIŽEK, 2014, p. 63).

A violência subjetiva, por sua vez, corresponde à violência física e direta, a qual é mais visível aos nossos olhos, costuma permear nosso cotidiano, seja nas ruas, nos jornais, nas novelas ou nos filmes. Manifesta-se desde um roubo, uma briga, até o extermínio em massa ou a violência contra a mulher.

Já a violência objetiva, por sua vez, consiste nas consequências, em grande parte catastróficas, do funcionamento dos sistemas político e econômico de uma determinada cidade ou país. Esta violência é, portanto, “invisível, uma vez que ela sustenta a normalidade do nível zero contra a qual percebemos algo como subjetivamente violento.” (ŽIŽEK, 2014, p. 18); é denominada ainda como “violência sistêmica”, que corresponde à “violência inerente a um sistema: não só da violência física direta, mas também das formas mais sutis de coerção que sustentam as relações de dominação e de exploração, incluindo a ameaça de violência.” (ŽIŽEK, 2014, p. 24).

Historicizando a noção de violência objetiva, é importante dizer que ela assumiu sua forma a partir do capitalismo, de seu desenvolvimento e catástrofes. Segundo Žižek,

É aí que reside a violência sistêmica fundamental do capitalismo, muito mais estranhamente inquietante do que qualquer forma pré-capitalista direta da violência social e ideológica: essa violência não pode ser atribuída a indivíduos concretos e às suas “más” intenções, mas é puramente “objetiva”, sistêmica, anônima. (ŽIŽEK, 2014, p. 26)

Na obra literária *Não verás país nenhum*, as três formas se entrelaçam e formam um núcleo representacional. Portanto, este estudo foca nas formas de manifestação da violência presentes na obra.

Manifestações da violência objetiva no romance *Não verás país nenhum*

A violência objetiva, dita decorrente do sistema, por isso sistêmica, manifesta-se de maneira “invisível”, ou seja, não é física, embora visível

alguém altamente observador, porque é catastrófica em relação ao funcionamento da economia e do sistema político de um determinado local, cidade ou país. É fruto dos erros e das contradições do regime vigente - no caso, do capitalismo global, o qual implica na exclusão de indivíduos de determinados grupos, cujos direitos - mesmo os considerados básicos - deixam de existir.

No caso do romance, a violência objetiva aparece das primeiras até as últimas páginas. Ao longo do romance, Souza narra o declínio da cidade de São Paulo, vivendo em pleno caos. Devido às condições climáticas, ao desmatamento, à poluição e às contaminações nucleares, nada existe além de pessoas doentes, famintas, sedentas, que fazem tudo em troca de um pouco de comida e de água, comida artificial, feita em laboratórios, pois não há mais vegetação nem animais; além disso pouca água existe, apenas os privilegiados têm acesso a ela. Fichas de rações de água são distribuídas com parcimônia entre a classe média, assim como fichas de circulação na cidade: não se pode ir e vir livremente, cada um tem sua área de restrição para circular e, quanto mais pobre ou mais doente, mais precárias são as condições. Há novas doenças e patologias não compreendidas, provocando medo e rejeição contra seus portadores.

Um exemplo de manifestação dessa violência objetiva é quando, ainda no início do romance, Souza conta que só conseguiu contratar uma faxineira semanal porque empregados só pedem um prato de comida e um pouco de água em troca de trabalho:

[...] Adelaide [mulher de Souza] sempre fez tudo, dizia que era a sua missão. Só agora consegui contratar uma faxineira semanal.

E isso porque empregados ganham pouquíssimo. As pessoas trabalham em troca de um prato de comida, um copo de água por dia. Não querem dinheiro, só comer e beber. Aí está a grande dificuldade. Se aceitassem dinheiro tudo bem. Mas comida. E o que dizer da água então? (BRANDÃO, 2008, p.16)

Em relação aos alimentos, sejam eles quais forem, são todos “factícios”, ou seja: produzidos de forma artificial. Sem gosto, de poucas qualidades nutritivas, permitem a mera sobrevivência, mas, para os excluídos, já são um luxo. A morte por inanição/desidratação ronda as camadas mais pobres da população. Souza fala, logo no início do romance, sobre o almoço, que é apenas uma fuga do trabalho: “A gente come pouco num calor desses. Vamos à lanchonete, uma saladinha de brotos artificiais com salsicha sintética e pronto” (BRANDÃO, 2008, p. 39). Os termos “artificiais” e “sintética” já demonstram que os alimentos não derivam na natureza. Souza relata que as mulheres ainda assistem às aulas de culinária e comenta qual o motivo disto:

Porque existe uma série de produtos novos que poucos sabem como manejar. Como o intragável feijão factício, fabricado em laboratório, que nunca

dá consistência. Ou vira sopa, ou enrijece feito borracha, cola, gelatina pegajosa na boca (BRANDÃO, 2008, p. 51).

Toda a relação com os produtos factícios é marcada pela insatisfação profunda e pelo receio, justificado, que estes geram. São simulacros e carecem das propriedades dos alimentos orgânicos:

Não se passa uma semana sem um produto novo. Coisas que tinham desaparecido voltam, uma vez conseguida sua reprodução no laboratório de Bem-Estar Social. Como o amendoim, a azeitona, o tomate, a cebolinha, a berinjela. Ou a semente de abóbora que se torrava e salgava. Outro dia, vi cumbuquira.

[...]

A falta de cheiro nessas comidas vinda das indústrias ministeriais me inquieta. Sabe-se lá de que modo são sintetizadas. Se fazem água da urina, vai-se ver o que estamos a comer. Esses alimentos são assépticos demais. Deixam na garganta um sabor de plástico que demora pra sair. (BRANDÃO, 2008, p. 51-52)

O mesmo é válido para plantas, há as flores factícias, que são feitas de plástico. E há, ainda, os cheiros naturais factícios, como “Folha seca, Folha Podre Úmida, Eucalipto no Fim da tarde, Coqueiro, Flores, Verduras, Café torrado, Papel Novo, Algodãozinho, Chá Mate, Bosta de Vaca, Leite Queimado na Chapa” (BRANDÃO, 2008, p. 92), entre tantos outros. Também o precioso cafezinho de Souza tem aparência de café, mas o gosto é outro.

O narrador, em conversa com seu amigo Tadeu, questiona se por trás desses alimentos factícios há interesses de cunho econômico. Tadeu responde que nessa comida há química, são “os aditivos tranquilizadores” (BRANDÃO, 2008, p.124), em “doses homeopáticas, que vão minando o organismo. Corroendo a vontade, acomodando.” (BRANDÃO, 2008, p. 124). Salienta ainda que a tranquilidade da população não vem da presença ostensiva, ameaça e imposição dos Civiltares, nem mesmo com toda a vigilância e fiscalização. Segundo ele, “O Esquema está sossegado porque encontrou um meio infalível. Injeta a tranquilidade direto no sangue”, por meio dos alimentos.

Portanto, tais alimentos feitos em laboratórios são uma espécie de ferramenta que, sob o pretexto de prevenir explosões de violência subjetiva, instaura uma violência sistêmica no contexto social e político.

Assim como são necessárias fichas para obter água e determinados alimentos, também é necessário ter fichas de circulação. O sujeito não pode circular livremente: a cidade é dividida, só se pode ir onde as fichas autorizam e pegar exatamente o mesmo ônibus: “A ficha indica onde posso andar, os caminhos a percorrer, bairros autorizados, por que lado de calçada circular, condução a tomar. Assim, somos sempre os mesmos dentro do S-7.58.” (BRANDÃO, 2008, p. 21). E a atribuição das permissões de circular é feita

de acordo com a condição financeira de cada um e também com as condições de saúde. Sob pretexto de organizar a vida e maximizar a eficiência e a segurança, o livre ir e vir torna-se objeto de um cerceamento violento.

Os mais pobres são como que “exilados”, transferidos para os Acampamentos Paupérrimos, locais onde não há mínimas condições de vida, onde as pessoas se misturam ao lixo e parecem a ele pertencer. A imagem é a de um “lixão” no qual miseráveis tentam obter restos de alimentos que ainda consigam ingerir e no qual não têm como se proteger dos efeitos devastadores da luz solar que não é mais filtrada pela camada de ozônio, a qual foi destruída. Aqui, a violência objetiva e a subjetiva estão de braços dados: para as camadas mais miseráveis da população, não há direitos e o próprio sistema exerce contra elas a violência subjetiva com a maior impunidade. As outras classes não entendem essa violência como gratuita e sim como necessária: é preciso eliminar os “monstros”, é preciso “limpar” os bairros.

Manifestações da violência subjetiva

Como mencionado anteriormente, a violência subjetiva é a mais visível e perceptível, trata-se da violência física, da explosão que rompe a “normalidade” da experiência cotidiana, onipresente nos jornais, nas novelas, nos filmes e por vezes experienciada traumáticamente por nós mesmos.

No romance, essa forma de violência surge de duas formas distintas: uma na forma de violência física “normal”, decorrente de desentendimentos entre sujeitos que levam às vias de fato (agressão física); na outra, a violência subjetiva surge em decorrência da própria violência objetiva, isto é, os fatos causados por esta levam àquela. O caos social e político que os personagens do romance vivenciam, que faz faltar o básico, como água e comida, proteção contra a radiação e com as doenças decorrentes, leva todos ao desespero. Muitos fazem de tudo para se salvar, nem que seja por um dia mais. Exemplos disso estão na descrição das Marquises Extensas.

As Marquises são apresentadas pela propaganda oficial como a solução final, a esperança, parte de um grande projeto social. De forma resumida, seria uma cobertura que protegeria o povo do sol aniquilador, que em poucos momentos de exposição faz uma pessoa virar pó e desaparecer. Como Souza destaca, uma obra que garante a sombra e a espera, mas não se sabe a espera de quê. Nesta “sombra” há ainda um processo de exclusão: as pessoas passam por testes psiquiátricos e físicos para ter acesso a elas, o que leva a entender que, pela concepção do projeto, abrigar indivíduos já sem saúde é perder tempo. A propaganda mostra as Marquises como um grande empreendimento que visa o bem-estar da população, um local racionalmente organizado, com bebedouros, ventiladores e banheiros. No entanto, não é essa a realidade: “A construção do século não passa de milhares de colunas sustentando uma laje de concreto.” (BRANDÃO, 2008, p.342), sob a qual

as pessoas se acotovelam sem receber água ou alimento. E a obra havia sido financiada pela população.

A superlotação cria o risco real de alguém não conseguir ficar sob a sombra, sendo exposto ao sol assassino. É devido a isso que a violência subjetiva aparece recorrentemente: “Pegar um lugar longe da borda. Não é mais possível, as pessoas se atropelam, se empurram, gritam, dão rasteiras, esfaqueiam, entram em pânico. Ainda bem que não tem crianças, ia ser um massacre.” (BRANDÃO, 2008, p. 353)

Os próprios altofalantes das Marquises alertam: “Não ultrapassem as faixas amarelas do chão. Os bolsões de calor atingiram toda região. Sair de baixo das Marquises representa a morte imediata. A morte imediata” (BRANDÃO, 2008, p. 348).

Além disso, há a violência física por meio do Esquema, uma espécie de organização repleta de Civiltares, muito semelhantes aos militares do período de Ditadura Militar no país. Em nome da ordem e da organização da cidade, que são julgadas como ideais e corretas, eles usam toda forma de violência possível em função do poder que têm. Armados, atiram nos civis por qualquer movimento suspeito. Souza conta que os Civiltares são conhecidos pela rapidez e excelente pontaria e que utilizam uma cápsula vermelha a qual ele chama de “Cataléptica” (BRANDÃO, 2008, p. 22) que, ao ser enterrada no corpo de uma pessoa “provoca um estado semelhante à morte durante duas horas” (BRANDÃO, 2008, p.22) e conta, ainda, que “quando o atingido acorda, já está encerrado no Isolamento. E aí, bau-bau, Nicolau! Nunca mais. Tem quem afirme que a Cataléptica torna a pessoa idiota.” (BRANDÃO, 2008, p.22).

Em seu livro *Vivendo no fim dos tempos* (2012), Žižek já apontara que é importante entender a diferença entre poder e violência, e chama atenção, ainda, para os motivos do emprego da violência, bem como funcionamento do controle por meio dela. Segundo o filósofo, quando um governo, pessoa ou grupo precisa fazer uso da violência recorrentemente é porque percebe que seu poder está fraco; a violência, neste caso, é uma ferramenta de dominação de alguém ou de uma população.

No romance de Brandão, o Esquema e seus Civiltares fazem uso da violência subjetiva para perpetuar seu domínio sobre a população: qualquer comportamento fora do padrão por parte deles é motivo de violência; além disso, usam a violência para com aqueles que vêm de outros lugares em busca de refúgio e de melhores condições de vida (entenda-se: um pouco de água e de comida) em São Paulo.

A violência simbólica

A própria narrativa de *Não Verás País Nenhum* pode parecer estilisticamente prejudicada, numa primeira leitura, pelo excesso de palavras

com iniciais maiúsculas. Civiltares, Esquema, Era da Grande Locupletação, Acampamentos Paupérrimos etc. As páginas do romance são muito frequentemente pontuadas dessas expressões. Retrospectivamente, esse recurso aparentemente singelo faz sentido: cada uma dessas expressões se refere, de forma sintética, a um aparelho de controle, a uma fase complexa e evidentemente degradante da História do país, a uma organização ou forma de poder. Mesmo a Casa dos Vidros de Água - o museu com amostras de água dos rios que secaram - é mais do que um *memento mori*: é um espaço no qual a população escapa por momentos da realidade a fim de sonhar com um passado cada vez mais idealizado. Longe de provocar revolta, é um passeio calmante e/ou nostálgico, como relata o narrador. Serve para controlar, portanto, e é altamente significativo que esse museu seja destruído pela população enlouquecida de sede antes da horrenda «solução final» do romance. Nomear esquematicamente esses objetos é uma forma de resumos, de remeter do fenômeno em si a uma imagem já cristalizada na mente de quem a enuncia.

Mais ainda, essa forma resumida encerra uma naturalização, um fechamento dos sentidos. É como se cada objeto assim denominado fosse um *fait accompli*, uma realidade estabelecida e fechada, que não precisa - nem pode - ser discutida ou questionada. Boa parte do angustiante sentimento de impotência de Souza - e, deduz-se, de toda a população - é estabelecida por meio de suas frases pontuadas de maiúsculas que surgem como constatações da solidez desses mesmos objetos.

É a violência simbólica funcionando em toda sua brutal eficiência. Para o leitor, desacostumado com a nomenclatura, essas palavras criam estranhamento - o que é a intenção do texto. Para Souza e os desafortunados habitantes daquela cidade infernal, porém, tais palavras e expressões *criam, ancoram* a realidade na qual eles se movem. Pode-se lamentar que tenha havido uma “Era das Casuísticas, quando o Esquema alterava as regras do jogo, com a partida em andamento, sem permitir qualquer reclamação” (BRANDÃO, 2008, p. 50), mas não se pode fazer nada além disso.

A própria forma do texto, com suas frases e parágrafos curtos, que não convidam à digressão crítica, estabelece as regras do jogo para o leitor do romance. Ele será confrontado com uma distopia tão absoluta quanto a do *1984* (2009), de George Orwell, e Souza é um protagonista que já desistiu de lutar há muito tempo, quando ainda era professor na universidade.

Considerações finais

Slavoj Žižek mostra que, além da violência subjetiva, caracterizada como a explosão imediatamente reconhecível do ato brutal, há uma violência objetiva, que é sistêmica, ou seja, que decorre do funcionamento dos sistemas político e econômico de uma determinada sociedade. Uma violência

“invisível, uma vez que ela sustenta a normalidade do nível zero contra a qual percebemos algo como subjetivamente violento.” (ZIZEK, 2014, p. 18). Essa violência deriva das relações de exploração e de dominação. E há ainda a violência simbólica, instaurada pela linguagem, que cria o que entendemos como normalidade: essa criação é, em si, um ato de violência, mas uma violência praticamente invisível, porque é percebida por cada um de nós como “o mundo”, o pano de fundo cotidiano e não-catastrófico da vida.

As três violências se fazem presentes ao longo do romance *Não verás país nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão, mas isso não se dá de maneira aleatória. O texto não se limita a ser o relato de um indivíduo cuja construção é cuidadosa para evitar que o leitor sinta por ele demasiada identificação ou simpatia. Souza se isola inclusive da esposa, a quem só reconhece amar no final sombrio do livro, mas também se isola de seu leitor. Livre de sentimentalismos, o romance destila as três formas de violência não do modo romântico, o qual buscaria comover o leitor com os sofrimentos de uma ou de várias personagens benévolas e inocentes, mas sim em cunho realista e pragmático. O sistema é violento e todos sofrerão por isso – inclusive o sobrinho militecno, criatura que, no início do texto, parece ser relativamente bem adaptada para sobreviver no ambiente hostil à vida.

Extrapolando os postulados teóricos de Žižek sobre a violência, fica evidente que esta, em todas as suas formas, está mais presente em nosso cotidiano do que podemos imaginar, pois todas as estruturas que nos rodeiam, estão contaminadas pela violência de alguma forma, visível (explícita) ou invisível (implícita) para um sujeito que não seja um observador atento. E isto fica evidente na obra de Loyola Brandão. No romance escolhido como objeto deste trabalho, a violência objetiva permeia todo o texto e a violência subjetiva, na esmagadora maioria das vezes, surge no romance em decorrência da própria violência objetiva, do mau funcionamento dos sistemas políticos e econômicos da sociedade na qual se inscreve o espaço romanesco, uma visão apocalíptica da cidade de São Paulo. Ambas surgem no pano de fundo aparentemente neutro da linguagem. Tal neutralidade, porém, é denunciada com habilidade pelo recurso de pontuar as páginas com expressões marcadas pela inicial maiúscula, o que deve causar certo estranhamento no leitor. A partir dessa observação, fica evidente a violência simbólica e seu poder avassalador.

Referências

- BILAC, Olavo. A Pátria. In:_____. **Poesias infantis**. 17. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1949.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Não verás país nenhum**. São Paulo: Global, 2008.

ORWELL, George. **1984**. Tradução Alexandre Hubner, Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SALLES, Cecília Almeida. O processo de criação de *Não Verás País Nenhum*. **REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários**, Vitória, s. 1, a. 5, n. 5, 2009.

SILVERMAN, Malcolm. **Protesto e o novo romance brasileiro**. Tradução de Carlos Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**. Tradução Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

ŽIŽEK, Slavoj. **Vivendo no fim dos tempos**. Tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2012.

Recebido em agosto/2015

Aceito em dezembro/2015